

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

LUÍSA GIUNTINI FURLAN

Uma colher transbordando açúcar: uma análise simbólica do filme
Mary Poppins, à luz dos conceitos junguianos *Anima*, *Animus* e
Sombra

SÃO PAULO

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

LUÍSA GIUNTINI FURLAN

Uma colher transbordando açúcar: uma análise simbólica do filme
Mary Poppins, à luz dos conceitos junguianos *Anima*, *Animus* e
Sombra

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a Dr^a
Paula Guimarães.

SÃO PAULO

2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha orientadora Paula pela paciência, dedicação e incentivo que possibilitaram que eu tivesse confiança e segurança para a realização deste trabalho. Agradeço também à minha família pela compreensão e pelo encorajamento, sempre acreditando em mim e em meu potencial. Gostaria de agradecer, principalmente, a meu pai pelo suporte e por ter me proporcionado sempre o melhor. Agradeço ao meu namorado Giovanni por todo apoio, paciência, carinho e amor, por estar ao meu lado nos momentos difíceis e me incentivar.

RESUMO

LUÍSA GIUNTINI FURLAN. Uma colher transbordando açúcar: uma análise simbólica do filme Mary Poppins, à luz dos conceitos junguianos *anima*, *animus* e sombra. 2019. Orientadora: Prof^a Dr^a Paula Guimarães.

A presente pesquisa teve como objetivo a análise simbólica do encontro de Mary Poppins e Bert com George Banks, à luz dos conceitos junguianos de *anima/animus* e sombra. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre esses conceitos da teoria junguiana e um resumo do filme com enfoque nas cenas de interação entre os personagens. O método delineou-se por uma análise simbólico-arquetípica, relacionando as características de cada personagem e suas interações com os conceitos de *anima/animus* e sombra, assim como as influências que Mary Poppins e Bert exerceram na personalidade de George Banks durante seu percurso no longa. Concluiu-se que, com o auxílio dos dois primeiros, Banks pôde entrar em contato com outras características constituintes dele, as quais encontravam-se muito distantes e desconhecidas pela consciência.

Palavras-chave: *anima*, *animus*, sombra, psique, regulação, Mary Poppins, Psicologia Analítica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 Sinopse.....	6
1.2 Anima e Animus	8
1.3 Sombra	14
2 MÉTODO	17
2.1 Procedimento	17
3 DISCUSSÃO	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1 INTRODUÇÃO

Mary Poppins foi um dos primeiros filmes não animados que a pesquisadora assistiu quando era criança. Ficou fascinada, tanto pelas músicas quanto pela história - adorava quando os personagens entravam no desenho de giz feito no chão e viviam várias aventuras - e, rapidamente, a história da babá encantada tornou-se seu filme preferido. Conforme os anos foram passando, sua paixão por Mary Poppins só aumentou; assiste-o todo ano. Sempre perguntam o porquê e se a pesquisadora não se cansa; ao que esta responde que não; sente que, a cada ano que passa, assiste de um jeito diferente, percebe aspectos que não havia pensado antes. A escolha desse filme para o trabalho surgiu de sua identificação com a história, de fazer parte da sua vida desde muito pequena e do fato de que, cada vez que o revê, suscita algo novo em si mesma.

Assim que lançado, Mary Poppins repercutiu de forma significativa na sociedade, o que deu-se por diversos motivos, um deles foi a impressionante combinação entre animação e representação. Ademais, a história do filme encaixa-se perfeitamente na percepção de uma criança, mostrando a vida cotidiana com uma pitada de magia. Outro quesito que se ressalta em relação ao impacto social é a interpretação de diversas questões sociais dos anos 60, como o feminismo e a educação dos filhos. No mês da estreia do filme, foi proibida a discriminação da contratação baseada em gênero, aspecto ilustrado no filme, através da senhora Banks, a qual saía cantando pelas ruas por igualdade política e igualdade de direitos entre os homens e as mulheres, participando também de manifestações dessa luta (Catawiki, 2016). Ainda sobre o tema do feminismo, não apenas a própria Mary Poppins, mas também a senhora Banks foram ícones da luta, em uma capa feliz e alegre da Disney. Em relação à educação dos filhos, Mary Poppins foi tida como um exemplo, transmitia estrutura e organização, mas não esquecia o lado divertido da vida (Catawiki, 2016).

Na estreia (1964), o filme não deixou de surpreender, tendo a presença de Walt Disney, o que não ocorria desde a estreia do filme A Branca de Neve, em 1937. A avenida de Hollywood estava repleta de fãs e de estrelas do cinema. Mary Poppins foi incrivelmente bem recebido, sendo nomeado para treze Óscares em 1965, quando ganhou cinco, incluindo o de melhor atriz e melhor trilha sonora. Foi o filme com mais prêmios da Disney, sendo o único pelo qual Walt Disney recebeu uma nomeação de um Óscar de melhor filme. Por fim, em 2013, Mary Poppins foi selecionado para ser

guardado e preservado na Biblioteca do Congresso Nacional dos EUA, a qual classificou o filme como “[...] estética, cultural e historicamente importante”. (Catawiki, 2016).

Diante do exposto, percebe-se a relevância do estudo, uma vez que o filme Mary Poppins teve amplo impacto social, o que possivelmente revela diálogo entre a produção cinematográfica e a psique dos muitos que o assistiram e foram arrebatados por ele.

1.1 Sinopse

O filme se passa em Londres, século XX, 1910. Após Jane e Michael perderem-se de sua Kate Nana (babá) - a qual pede demissão depois - no parque, o pai, George Banks, com a ajuda de sua esposa Winifred, publica um anúncio no jornal com todas as características e requisitos que ele espera de uma babá. Ao mesmo tempo, os filhos também escrevem um anúncio, mas com características divergentes das descritas pelo pai, o qual rasga e joga na lareira o anúncio das crianças, logo após essas irem dormir. No dia seguinte, muitas candidatas apresentam-se para a entrevista, porém um vento misterioso carrega-as para longe da casa dos Banks. Mary Poppins chega com seu guarda-chuva e toca a campainha da casa. Ela apresenta-se ao senhor Banks e começa a ler as características solicitadas no anúncio, o qual era o de Jane e Michael. O pai fica muito intrigado e confuso com toda aquela situação, refaz seus passos da noite anterior, inclusive o momento em que rasgara o papel e, assim, não escutava mais o que a moça falava. Mary Poppins pergunta se o homem está doente, esse responde que não, então, ela aproxima-se de George, a fim de compreender sua atitude. Os dois conversam um pouco e Mary coloca suas condições de trabalho, inclusive as folgas, então vai conhecer as crianças, enquanto George Banks fica na sala ainda se perguntando como tudo aquilo tinha acontecido. Winifred aproxima-se do marido e pergunta se ele já havia encontrado a babá perfeita, Banks fica animado e responde rindo que sim, dizendo que Mary fora ficar com as crianças.

Assim que a conhecem, as crianças ficam fascinadas pela nova babá e pelos seus truques; era exatamente a pessoa que eles haviam descrito em seu anúncio. Mary ajuda as crianças a arrumarem o quarto e os três saem para o parque, porém esse simples passeio acaba sendo uma grande aventura, juntamente com Bert, amigo de Mary Poppins.

A chegada da babá movimenta a casa e a rua da família Banks, transforma tudo e todos, as pessoas que possuíam algum contato com Mary começam a apresentar atitudes nunca dantes vistas. No dia seguinte ao que ela chega, o capitão - vizinho dos Banks, aposentado da marinha, o qual tinha a sua casa em formato de barco - dobra a carga do seu canhão; a cozinheira da família canta; e a empregada não quebra nenhuma louça, além de cantar também. Frente a isso, George Banks fica incomodado, dizendo que odeia mudanças e que o canto das funcionárias e dos pássaros dão dor de cabeça. Além disso, ele fala que não precisa de ninguém para alegrá-lo e que a babá estraga a disciplina da casa.

Um dia, único em que George Banks se atrasa, ele conversa com Mary, diz que está desapontado e que as crianças precisam de seriedade, firmeza e disciplina, aspectos que ela não tinha. Ele expõe, também, que Mary só ensina coisas inúteis e sem propósito. Então ela responde que o pai tem razão, as crianças precisam de tudo o que foi falado por ele e ninguém melhor para mostrá-lo do que ele mesmo. Fica decidido, após essa conversa, que Banks levaria os filhos ao banco no dia seguinte, uma vez que era a folga de Mary Poppins, porém essa ida ao banco com os filhos deu-se de forma bem conflituosa, uma vez que os diretores do banco queriam os dois centavos de Michael para investir, enquanto esse queria dar para a velha que alimentava os pombos na praça. As crianças acabam escapando do pai e fogem pela cidade, encontram-se com Bert, que as leva para casa. Após o ocorrido, Banks recebe uma ligação do banco, pois os diretores gostariam de encontrá-lo para conversar. Ele, então, reflete que aquilo tudo era culpa de Mary, pois acreditava que ela tinha trazido o caos na sua bolsa; tudo antes de sua chegada era calmo, ordenado e exemplar; e, ainda, ela sugeriu que ele levasse as crianças ao banco.

Antes de ir para o banco encontrar-se com os diretores, as crianças dão ao pai os dois centavos e esse, quando chega à praça da igreja, procura a velha dos pombos para dar o dinheiro a ela, mas ela não está no local. No banco, após ser demitido e humilhado, George Banks começa a rir e, a partir da palavra ensinada por Mary, - a qual é usada quando não se tem nada a dizer e faz você se sentir bem melhor -, diz que a babá estava certa. Assim que volta para casa, o pai passa a noite toda consertando a pipa dos filhos e, na manhã seguinte, chama as crianças para brincar. No parque, Banks encontra os sócios do banco e esses o oferecem seu emprego de volta. Vendo a cena da família empinando pipa, Mary Poppins recolhe os seus pertences e parte.

1.2 Anima e Animus

A partir de seus estudos sobre a estrutura do inconsciente, Jung (2013 [1971]) constatou a necessidade de distinguir conceitualmente *alma* e *psique*. A última, ele entendia como a totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes quanto inconscientes; já *alma*, ele via como um complexo determinado e limitado de funções que poderiam ser caracterizadas como uma subpersonalidade.

O autor expõe que a partir de uma profunda observação psicológica, consegue-se perceber a existência de uma divisão de caráter, mesmo nos indivíduos mais comuns (JUNG, 2013 [1971], p. 425). O autor discorre que basta observar uma pessoa em ambientes e contextos diferentes: ocorre uma mudança na personalidade assim que passa de uma circunstância a outra. Isso se dá uma vez que cada meio ambiente requer uma atitude especial de cada sujeito. Ademais, o autor escreve que as exigências desses ambientes, muitas vezes distintos, exigem atitudes totalmente diversas que, dependendo do grau de identificação do sujeito com a atitude do momento, acarretam uma duplicação de caráter. A partir dessa colocação, entende-se que o indivíduo não possui nenhum caráter definitivo, ou melhor, não é apenas individual, mas coletivo, adaptando-se às circunstâncias e expectativas.

Essa personalidade externa, a qual se acomoda e age a depender do ambiente e de suas exigências, pressupõe a existência de uma personalidade interna. Essa dá-se no modo como o sujeito comporta-se em relação aos seus processos psíquicos, sua atitude interna; o caráter que esse sujeito apresenta ao inconsciente (JUNG, 2013 [1971], p. 428). O autor a denomina *anima*, *alma*, uma personalidade interna, de caráter autônomo e inato, a qual se comporta complementarmente com relação à personalidade consciente. Segundo Jung, em *Tipos psicológicos* (2013 [1971]), a alma costuma ter as qualidades humanas que faltam à atitude consciente. Essa característica complementar alcança também o caráter sexual - masculino e feminino -, uma vez que, de acordo com o autor, o homem não é plenamente viril em todos os aspectos, mas possui, em geral, certos traços femininos. Uma vez que existe essa dualidade em relação ao sexo e que, com relação ao homem, fala-se em *anima*, fala-se de *animus* com relação à mulher. No tocante às qualidades humanas em geral, “[...] tudo o que normalmente deveria estar na atitude externa, mas que ali falta ostensivamente, encontra-se com certeza na atitude interna” (JUNG, 2013 [1971], p. 429); mais uma vez, no que diz respeito à complementaridade da alma.

A alma, segundo Jung (2013 [1971]), é representada, de modo inconsciente, por pessoas que possuem as qualidades correspondentes a ela, podendo ser personagens totalmente desconhecidos ou mitológicos e, sendo a alma inconsciente, a imagem dela pode manifestar-se em uma pessoa real, através da projeção. O sujeito para o qual é transferida essa imagem pode ser tanto objeto de amor quanto de ódio intenso, às vezes, de medo, e as suas influências possuem caráter imediato e obrigatório, uma vez que sempre recebem resposta afetiva. Esse afeto origina-se do fato de ser “[...] impossível uma adaptação consciente ao objeto que representa a imagem da alma” (JUNG, 2013 [1971], p. 463), ou seja, os afetos desmedidos aparecem onde falham as adaptações, onde a libido é represada e explode em uma carga afetiva. É árdua a adaptação consciente ao objeto que representa a imagem da alma, uma vez que essa é inconsciente para o sujeito. Sempre que há uma projeção da imagem da alma, imediatamente o sujeito vincula-se afetivamente com o objeto e essa projeção faz com que não haja uma preocupação com os processos internos enquanto o objeto corresponder à imagem projetada. Porém, de acordo com o autor, com o decorrer do tempo, o objeto não mais conseguirá corresponder às exigências da imagem da alma, terá poucas possibilidades para tanto.

Jung, segundo Stein (2006), ao contar em sua autobiografia sobre a descoberta da anima, diz ter ouvido uma voz feminina quando estava registrando seus sonhos, com a qual travou um diálogo e reconheceu que essa voz parecia com a de uma paciente dele. Ela era uma espécie de figura internalizada que expressava alguns pensamentos inconscientes e valores de Jung. Para ele, essa foi uma importante experiência, tornando-se ponto de referência para a manifestação da anima na memória coletiva da psicologia analítica.

Esta imago da mulher - imagem sem idade, na qual toda mãe e toda amada é portadora e geradora de reflexos inerentes à natureza do homem - lhe pertence e lhe é fiel. Ela é a compensação para os riscos, fadigas e sacrifícios da existência; é o consolo para as amarguras da vida; e é a grande sedutora, que ilude em relação a essa mesma existência. Segundo Jung, em *Aion*, essa imagem é o maior perigo do homem, ela exige o máximo dele. Ademais, de acordo o autor, um fator determinante das projeções é a *anima*, ou seja, o inconsciente é representado por ela e, onde quer que ela se manifeste, ela aparece personificada. Ela é uma produção espontânea do inconsciente, não é algo inventado pela consciência (JUNG, 2013 [1976], p. 26).

Do mesmo modo que o homem é compensado pelo feminino, a mulher o é pelo masculino, o chamado *animus*. Segundo Jung (2013 [1976]), a mulher é compensada por uma natureza masculina e é por isso que seu inconsciente possui um sinal masculino. Da mesma forma, a mulher possui como fator determinante de suas projeções o *animus*, o qual corresponde à razão ou espírito. Jung usa os termos Eros e Logos quando escreve sobre a *anima* como correspondente ao Eros materno e o *animus*, ao Logos paterno, a fim de descrever o fato de que o consciente da mulher é caracterizado mais pela vinculação ao Eros, sendo essa a função de relacionamento menos desenvolvida no homem, em comparação com o Logos (JUNG, 2013 [1976], p. 27). Logo, no inconsciente da mulher, haveria elementos vinculados ao Logos, enquanto que, no inconsciente do homem, ao Eros.

Segundo Jung (2013 [1976]), todas as vezes em que *anima* e *animus* encontram-se, esse deixa de lado sua espada de poder e aquela borrija o veneno de suas ilusões e seduições, tendo como resultado, nem sempre algo negativo, uma vez que, por exemplo, existe também a possibilidade de que os dois apaixonem-se um pelo outro, como se fosse amor à primeira vista. A relação entre o dois é sempre animosa, isto é, emocional e carregada de energia. Os afetos rebaixam o nível da relação e os indivíduos se aproximam do instintual, universal (JUNG, 2013 [1976], p. 28).

De acordo com Stein (2006), é possível ser feita uma descrição de *anima* e *animus* sem incluir nela qualquer referência a sexo, sendo, pois, uma estrutura abstrata. *Anima/animus* é uma dimensão complementar à persona e vincula o ego à camada mais profunda da psique; é complexo funcional, interessado na adaptação ao mundo interior. Ademais, é ponte que leva às imagens do inconsciente coletivo¹. *Anima/animus* é uma disposição que rege as nossas relações com o mundo interior do inconsciente e manifesta-se por meio de, por exemplo, imaginação, impressões subjetivas, ideias, humores e emoções (STEIN, 2006, p. 119).

Jung (2013[1976]) discorre que é difícil eliminá-los, pois são muito poderosos e enchem a personalidade do sentimento de posse da justiça e da verdade, além de seus elementos serem projetados, sendo conferida a objetos e situações objetivas. Ademais,

¹ Acerca do conceito de inconsciente coletivo: “[...] é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. (...) o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*” (JUNG, 2011 [1976], p.51, grifo do autor).

os modos como as pessoas percebem o interior mais profundo de si mesmas caracterizam sua atitude de *anima* ou *animus*. Segundo Stein (2006), a necessidade de desenvolvimento interior torna-se uma questão profunda e seriamente considerada quando a persona é destituída e *anima/animus* dá acesso às camadas mais profundas do inconsciente.

Não é difícil confundir a sombra² com a *anima* ou o *animus*. Esses fazem parte do inconsciente e podem manifestar-se por caminhos parecidos, como por exemplo, através das projeções. Tendo em vista que é árduo conscientizar-se das próprias projeções, bem como reconhecer seu lado sombrio, é necessário vencer resistências morais. Ademais, no reconhecimento das projeções, devem ser acrescentadas dificuldades de ordem racional, sem falar da aceitação de seus conteúdos como parte de si. Daí surge uma dúvida, a de saber se não está intrometendo-se no domínio da natureza, tornando-se consciente de coisas que seria melhor deixar adormecidas (JUNG, 2013 [1976], p. 30). Segundo o autor, para que alguém tome consciência de suas falhas, exige-se mais do que um simples dizer, uma vez que trata-se de mais do que a razão comum pode permitir.

Anima e *animus* manifestam-se de diversas maneiras, como já mencionado. Alguns de seus conteúdos são projetados, outros podem ser encontrados em sonhos ou mediante a chamada imaginação coletiva. Ao se expressarem, eles aparecem como certas ideias, sentimentos e afetos que ninguém considerava possíveis, mas que estão vivos dentro de cada um. Ademais, através das figuras da *anima* e do *animus*, a autonomia do inconsciente se expressa, contudo, ao personificarem os conteúdos inconscientes, estes podem ser integrados à consciência, em função da aproximação e contato promovidos - depois de retirados, por exemplo, da projeção. Nesse sentido, *anima* e *animus* constituem funções que conectam conteúdos do inconsciente coletivo para à consciência (JUNG, 2013 [1976], p. 33).

Embora *anima* e *animus* possam ter seus conteúdos integrados à consciência, em si mesmos, não o podem, uma vez que são arquétipos³, as suas ações podem se tornar

² A sombra refere-se à dimensão do inconsciente pessoal, cujos conteúdos foram relegados, rejeitados pelo ego. Este conceito será aprofundado no item seguinte deste capítulo.

³ Acerca do conceito de arquétipo: “[...] concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2011 [1976]b, p. 13). Os arquétipos, em si, são irrepresentáveis e destituídos de forma; ao utilizar-se do termo imagens, pode-se conceber que Jung referia-se às manifestações, regidas por determinada dinâmica arquetípica e sujeitas às influências sociais e culturais de onde emergem, para tornarem-se expressões exteriores e, desse modo, serem acessadas pela

conscientes, mas, em si, são fatores que ultrapassam a consciência, escapam à observação direta. Segundo Jung (2013 [1976]), isso é de extrema importância do ponto de vista terapêutico, pois, a partir de uma observação continuada, paga-se ao inconsciente um tributo que assegura a sua cooperação. De acordo com o autor, uma das tarefas mais importantes da higiene mental é estar continuamente prestando atenção à sintomatologia dos conteúdos e processos inconscientes, sendo que há o risco iminente de unilateralidade do polo consciente. Portanto, é de extrema importância que não se pense nos arquétipos como imagens fantásticas que passam rápidas e fugazes, mas como “[...] fatores permanentes e autônomos” (JUNG, 2013 [1976], p. 35).

No que diz respeito ao sexo na teoria de *anima/animus*, Jung, como discorre Stein (2006), postulou que a anima significaria o lado interno escondido da personalidade de um homem, e o animus, o lado interno oculto da personalidade de uma mulher. De acordo também com Stein (2006), as terminações dos dois vocabulários sugerem uma diferença de gênero. Ao atribuir esses termos, o autor conta que Jung estava estabelecendo a sua teoria para mostrar diferenças fundamentais, ou seja, arquetípicas entre os sexos. Ademais, é posto por Jung que ambos os sexos têm componentes e qualidades masculinos e femininos, sendo esses distribuídos de modo diferente em cada um.

No que diz respeito ao caráter da alma, vale, segundo minha experiência, o princípio geral de que ela se comporta *complementarmente* com relação ao caráter externo. A alma costuma possuir todas aquelas qualidades humanas que faltam à atitude consciente. (JUNG, 2013 [1971], p. 429)

Há um debate que gira em torno de entender se *anima/animus* são categorias que devem ser associadas ao sexo, uma vez que, de acordo com as concepções de masculino e feminino de Jung, existem mulheres que são mais masculinas do que femininas em suas atitudes conscientes e alguns homens que são mais femininos do que masculinos. De acordo com Stein (2006), os termos chineses Yin e Yang seriam mais adequados para esses grupos de atributos, sendo termos neutros, podendo ser usados ao invés de masculino e feminino. A atitude interior mostra as qualidades que são deixadas de lado na persona: “[...] se uma pessoa é Yang na persona, ele ou ela será Yin na estrutura anima/animus” (STEIN, 2006, p. 126). Entretanto, essa atitude interior, uma vez que

consciência. Para fins de exemplificação, citam-se alguns arquétipos: materno, paterno, do herói, da criança divina, da totalidade, do velho sábio.

está no inconsciente, não é controlada pelo ego e é menos refinada e diferenciada do que a persona. Pode-se tomar como exemplo um homem de aparência fortemente masculina, inflexível, obstinado, insensível e agressivo; esse terá uma personalidade interna sentimental, suscetível, fácil de ser magoada e vulnerável.

No encontro do ego com a *anima* ou *animus*, há um potencial muito rico para o desenvolvimento da psique, pois representa uma conexão com o inconsciente ainda mais profundo do que a sombra, uma vez que a estrutura *anima/animus* tem potencial para servir como ponte para o Si-mesmo⁴. De acordo com Stein (2006), quando Jung passa a conceber “[...] *anima/animus* como imagens arquetípicas que recebem sua forma do pólo espiritual do espectro psíquico” (p. 128), ele conclui que essa imagem é moldada mais pelo arquétipo do que pela concordância coletiva do tempo. *Anima* e *animus* tornam-se formas permanentes da psique, as quais podem modelá-la tanto quanto por ela serem moldadas.

“O fator determinante das projeções é a *anima*, isto é, o inconsciente representado pela *anima*” (Jung, 2013 [1976], p. 26). As imagens, pensamentos e suposições gerados pela estrutura *anima/animus* servem de alicerce para as confusões e perplexidades geradas entre homens e mulheres. Esses interpretam-se mal reciprocamente, uma vez que, com frequência, referem-se a imagens do outro gênero em vez de pessoas de carne e osso.

No que se refere ao desenvolvimento psicológico - a ampliação de consciência - o ego precisa engajar *anima/animus* em um processo dialético, esse significando, para Jung, “[...] reduzir alguma coisa a pedaços” (STEIN, 2006, p.130). Essa ação refere-se ao processo que ocorre quando duas pessoas, em um momento de esforço de esclarecimento recíproco, empenham-se em uma discussão e negociação, na qual nem uma nem outra furtam-se ao conflito. O processo de diálogo e confronto entre ego e *anima/animus* possibilita ao indivíduo uma experiência plena das alturas e profundidades de seu próprio universo interior. Na visão de Jung, *anima/animus* é destino, é o que guia os destinos de cada um. Segundo Stein (2006), só se pode conhecer a realidade de *anima/animus* no contato com o gênero oposto; nessa relação emocional tornam-se possível o desenvolvimento da consciência, ao integrar elementos inconscientes, referentes à *anima* ou *animus*, antes projetados no outro.

⁴ Si-mesmo ou Self refere-se à totalidade psíquica e, concomitantemente, ao centro desta; seria a meta do desenvolvimento psíquico e, também, seu centro organizador.

Anima/animus está o tempo todo ativa/o na vida psicológica, e seu não reconhecimento define a natureza da depressão (STEIN, 2006, p.132). A experiência do arquétipo, do inconsciente coletivo e de seus poderes pode conduzir a um novo estado de consciência, no qual a realidade psíquica torna-se tão convincente para o ego quanto a realidade do mundo material para os sentidos. De acordo com o Stein (2006), uma vez experimentado como transcendente, *anima/animus* torna-se uma ponte para o Si-mesmo e para um novo entendimento de mundo.

Segundo Jung (2013 [1976]), o que podemos descobrir, a partir de *anima* e *animus*, é obscuro, logo, é difícil a tarefa de alcançarem os limites da visibilidade. O autor discorre que apenas quando colocamos luz nas “[...] profundezas obscuras e exploramos psicologicamente os caminhos estranhamente submersos do destino humano” (JUNG, 2013 [1976], p. 34) é que podemos perceber como é grande a influência de *anima/animus*.

1.3 Sombra

Uma das primeiras observações de Jung foi a de que a psique é composta por muitas e distintas partes. Um indivíduo não possui apenas uma personalidade, mas essa é composta por um agregado de subpersonalidades. Em certo sentido, o sujeito é constituído de muitas atitudes e orientações potencialmente divergentes, as quais podem facilmente cair em oposição e criar conflitos. Uma dessas subpersonalidades é a sombra (STEIN, 2006, p. 98).

Quaisquer traços da personalidade que pertenceriam idealmente ao ego se fossem integrados, mas foram suprimidos em decorrência de uma divergência cognitiva ou emocional, vão para a sombra. A sombra, geralmente, contém as características da natureza de uma pessoa que são contrárias aos costumes e valores morais da sociedade, tendo uma qualidade imoral, pouco recomendável. Ela é o “[...] lado inconsciente das operações intencionais, voluntárias e defensivas do ego” (STEIN, 2006, p. 98). Assim, as características da sombra podem também representar o oposto das características da *persona* e do ego. Por exemplo, um indivíduo que, na consciência, é altruísta - aquele que age em benefício do outro, que visa ao bem-estar do próximo, não considerando interesses particulares - possui, em seu inconsciente, um sujeito egoísta.

Diferentemente de *anima* e *animus*, a sombra é mais acessível à experiência, uma vez que é possível ter um conhecimento mais aprofundado de sua natureza. A

sombra, tratando-se de um problema de ordem moral, desafia o indivíduo. É impossível tomar consciência dessa realidade sem destituir-se de energias morais, pois, para isso, é preciso reconhecer os aspectos mais sombrios e obscuros da personalidade (JUNG, 2013 [1976], p. 19). Segundo Jung (2013 [1976]), reconhecer esse lado sombrio da personalidade é um ato indispensável para qualquer tipo de autoconhecimento, entretanto, há grande resistência ao contatar aspectos da sombra. Por mais que seja uma grande experiência terapêutica, essa tomada de consciência implica um trabalho árduo que se estende por toda a vida.

A sombra também pode ser integrada de algum modo à personalidade, porém existem alguns conteúdos que resistem fortemente a qualquer influência. Esses podem ligar-se a projeções que, para serem reconhecidas, exigem um esforço que ultrapassa os limites habituais do indivíduo. Os traços característicos da sombra podem ser reconhecidos como qualidades pertinentes à personalidade, entretanto, quando o projeta-mo-los em outra(s) pessoa(s), o que acaba despertando forte emoção em nós, o reconhecimento desses traços falha. Quando isso acontece, o observador objetivo pode até perceber que se trata de uma projeção, mas para o sujeito dessas, torna-se árdua essa percepção (JUNG, 2013 [1976]).

[...] Jung define projeção como uma transferência inconsciente, isto é, imperceptível e involuntária de um fato psíquico e subjetivo para um objeto exterior. “Vê-se” nele alguma coisa que não existe ou existe muito pouco. Que não exista nada daquilo que é projetado no objeto, acontece raramente, talvez nunca. Por isso, Jung fala de um “gancho” no objeto, no qual o indivíduo pendura a sua projeção como um casaco em um cabide (VON FRANZ, 1997, p.10-11).

A projeção é uma ação do inconsciente e manifesta-se antes que o indivíduo a perceba, desse modo, o sujeito vê o mundo de acordo com sua própria concepção, que usualmente não corresponde à realidade exterior, estabelecendo-se, assim, uma relação ilusória. Essas projeções, segundo Jung (2013 [1976]), as quais são difíceis de se desfazerem, podem pertencer à esfera da sombra, do lado obscuro da personalidade.

A sombra representa o inconsciente pessoal, portanto, ela consegue atingir a consciência, no que se refere aos seus conteúdos. Pode também ser percebida, como já visto, nas projeções, tal como a *anima* e o *animus*, os quais encontram-se bastante afastados da consciência. Ainda que seja de natureza pessoal, não é fácil perceber a

sombra; deparar-se e reconhecer esse aspecto mais obscuro e oposto da personalidade caracteriza uma experiência perturbadora e penosa (JUNG, 2013, [1976], p. 22).

No que diz respeito à psicoterapia, por vezes, é árduo aproximar os pacientes do inconsciente, de tal forma que esses consigam perceber a sombra. Segundo Jung (1998 [1971]), as pessoas de natureza mais complexa e altamente conscientes são as mais difíceis de proporcionar uma proximidade com o inconsciente, uma vez que elas estão fortemente ligadas ao consciente. Essas pessoas querem manter a conversa em um nível mais racional possível, inclusive no modo de se apresentarem e de comentarem sobre suas dificuldades; além de serem capazes de reagir a qualquer tentativa de fazer recuar o consciente (JUNG, 1998 [1971], p. 57-58).

Segundo Jung (2011 [1976]), se o indivíduo é capaz de ver sua própria sombra e suportá-la, sabendo que ela existe, ele terá resolvido apenas uma parte do problema. Depois de vista, a sombra precisa ser integrada. A sombra é um elemento vivo da personalidade e, por isso, quer mostrar-se presente de alguma forma. Ademais, não se pode, através da racionalização, anular a sombra ou torná-la inofensiva, ela é parte constitutiva do sujeito, mesmo não sendo agradável do ponto de vista desse. “O encontro consigo mesmo, significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra” (JUNG, 2011 [1976], p. 30), porém essa é um desfiladeiro, uma porta estreita que causa dor e incômodo a quem quer que tenha contato com essa parte da psique, carente de desenvolvimento. A descoberta da insuficiência do sujeito como indivíduo decepciona, mas o lado sombrio também pertence à totalidade psíquica, e é através do contato com esse lado, que se lembra de novo que se é humano como os demais (JUNG, 1998 [1971], p. 57).

2 MÉTODO

Uma vez que o objetivo deste trabalho é uma análise simbólica do encontro de Mary Poppins e Bert com George Banks, à luz dos conceitos junguianos *anima/animus* e Sombra, optou-se pelo método de pesquisa qualitativa, dado que, de acordo com Penna (2013), o método qualitativo adequa-se à epistemologia da Psicologia Analítica, ao auxiliar na compreensão de seu objeto de estudo, que não pode ser tangido diretamente, sendo portanto, inadequado aplicar o método quantitativo experimental.

2.1 Procedimento

Pesquisou-se e leu-se sobre os conceitos junguianos abordados na pesquisa: *anima*, *animus* e sombra. Essa pesquisa foi realizada na biblioteca da PUC-SP, Campus Perdizes. Os autores utilizados foram C. G. Jung, fundador da Psicologia Analítica, além de Von Franz e Murray Stein, analistas pós-junguianos. Utilizou-se o livro de Robert H. Hopcke para localizar textos de Jung referentes aos conceitos escolhidos. O critério de seleção de textos utilizado pela pesquisadora foi o de adequação ao tema da pesquisa. Ademais, assistiu-se ao filme Mary Poppins cinco vezes, prestando atenção às características de cada personagem a ser analisado e selecionando as cenas nas quais fosse possível identificar uma relação entre esses, bem como entre os personagens e sua correspondência com os conceitos mencionados. Pesquisou-se também sobre o filme na internet.

Posteriormente, elaborou-se análise simbólico-arquetípica, relacionando os conceitos *anima*, *animus* e sombra com os personagens do filme, através da análise de cenas, nas quais esses interagem, assim como das personalidades e comportamentos deles. Segundo Penna (2013), o plano arquetípico amplia profundamente os horizontes de possibilidades da investigação psicológica, tornando-se assim um método de abordagem dos fenômenos psíquicos que pode ser chamado de simbólico-arquetípico.

A perspectiva arquetípica liberta-nos da limitação de considerar como única a perspectiva do ego. O plano arquetípico é inerentemente pluralista, politeísta e, desta forma, inevitavelmente critica a dominação da psique pelo ego. (DOWNING *apud* PENNA, 2013, p. 221).

3 DISCUSSÃO

Em sua primeira aparição no longa metragem, George Banks está voltando para casa após um longo dia de trabalho. Em uma rápida conversa com o vizinho, o qual pergunta como estão indo as coisas no mundo das finanças, Banks fala que as coisas não podiam estar melhores, que as ações estão subindo e que a libra britânica é a admiração do mundo. No momento em que o personagem chega em casa, tem-se a cena da primeira música, a qual diz muito sobre George Banks. Nessa canção, a rotina do personagem é abordada, como a questão da pontualidade e da rotina serem sempre as mesmas ser importante: “consistente é a vida que eu levo”. Banks fala também sobre como é bom ser inglês no ano 1910, que aquela era a “era dos homens”. No que diz respeito à sua família, na música, o personagem diz que a trata com mão firme, mas gentil.

Através dessa cena, pode-se perceber que Mr. Banks é um homem rígido, tudo tem que ser conforme planejado - por ele -, com certa ordem, disciplina e eficiência. Ele é o líder da família, ele é o provedor e aquele que rege. Não é à toa que ele trabalha no mundo das finanças, o qual não permite erros, muito menos desorganização; mundo esse em que Banks está tentando tornar-se sócio do banco em que trabalha, precisando assim, mostrar-se competente e responsável. Neste banco, também trabalhou o seu pai, o qual tem renome dentro da instituição, foi um dos sócios em sua época. Entretanto, em função desse trabalho e de sua possível ascensão, o personagem torna-se um pai e um marido ausentes.

Como pai, George Banks crê que os filhos têm que ser preparados para a vida adulta, ao invés de se divertirem, o que ele acredita ser ridículo. No que diz respeito à sua esposa, Banks rejeita de forma insensível a causa à qual ela é grande adepta, “*Votes for Women*” (Votos para as mulheres). Winifred, a esposa, chega a esconder suas faixas de protesto antes do marido chegar em casa, as quais, segundo ela, deixam-no furioso.

Mr. Banks é um personagem muito polarizado e enrijecido na dimensão da consciência. Sendo assim, ele tende a se manter no nível mais racional possível, até mesmo, no modo como se apresenta. Segundo Jung (1998 [1971]), as pessoas que são dessa natureza são muito difíceis de proporcionar uma aproximação do inconsciente. Essa atitude do personagem coloca-o em uma posição de risco iminente, produto de uma unilateralidade da psique, a qual precisa ser evitada através de uma atenção contínua aos conteúdos e processos inconscientes (JUNG, 2013 [1976], p. 35). Esse

processo de regulação da psique requer o contato com conteúdos inconscientes, o qual é árduo e doloroso, ainda mais quando se está muito polarizado na dimensão consciente, de modo que os conteúdos costumam emergir com mais intensidade.

Mary Poppins é uma babá mágica que chega à casa da família Banks, depois de diversos pedidos de demissão de outras babás em decorrência das travessuras de Jane e Michael. A vinda de Mary é proporcionada por uma carta, a qual foi escrita pelas crianças na noite anterior à sua chegada, a fim de ajudar o pai na contratação da nova babá. Na carta, Jane e Michael pediam para que a nova babá fosse uma pessoa divertida, gentil, bonita, que brincasse com eles e que os amasse como filhos. Porém, o pai não concorda com o que os filhos escrevem, rasga a carta e joga-a na lareira, o que mostra, do ponto de vista analítico, que Banks achava que aquilo não pertencia a ele, havia uma recusa de sua parte daquele conteúdo. Isso se dá, uma vez que George Banks é um homem sério, rígido, que não se permite nem permite aos outros, principalmente a seus filhos, diversão.

O fato de Mary Poppins chegar à casa dos Banks por meio dos filhos e não, de George mostra que sua presença é algo que está além do desejo intencional dele, é algo novo. Esse novo elemento, por não ser algo que pertence a Mr. Banks, causa certo estranhamento, o que pode ser visto na cena da entrevista - primeiro encontro entre os dois personagens. Nesse momento, Banks mostra-se bastante confuso pelo fato de Mary Poppins estar lendo a carta escrita pelas crianças no dia anterior, a qual ele tinha rasgado e jogado na lareira e, portanto, não presta atenção ao que ela fala e começa a refazer seus passos, tentando entender o que estava acontecendo. A babá, por outro lado, chega confiante e persistente. Mary, não entendendo o que se passava com Banks, acompanha-o em sua reconstituição, mas ele logo para. Ela, então, coloca os seus termos e condições de trabalho e dirige-se para ver as crianças. Nesse momento, Winifred, a mãe, chega para conversar com o marido e perguntar como tinha sido a entrevista e se a babá correspondia ao que eles tinham escrito no anúncio, George Banks responde que acha que sim, animado.

Depois da chegada de Mary Poppins, começa-se a perceber certas mudanças na casa, no comportamento da família e das empregadas. A presença da nova babá, além de provocar estranhamento por parte de George Banks, altera o funcionamento da casa como um todo: as crianças chegam cantando para o café da manhã e dão flores para a mãe, a cozinheira canta e a arrumadeira não quebrava mais as louças. Além disso, as duas últimas, as quais nunca tinham se dado bem, estavam se ajudando. Banks, não

compreendendo o que acontece em sua casa, repreende até o pássaro que canta do lado de fora, pedindo para que a empregada feche as janelas. Por mais que George estivesse negando a presença de Mary, as transformações já estavam acontecendo em sua casa, a qual pode ser concebida como a psique de Banks.

Segundo Jung (2013 [1971]), diferentes ambientes e contextos exigem uma atitude específica e adequada de cada sujeito, acarretando assim, uma mudança na personalidade a depender da situação. Porém Mr. Banks foge a essa postulação, uma vez que ele é muito identificado com uma única atitude, em todos os contextos de sua vida; possui a mesma postura, a qual é rígida e firme - uma de suas falas no filme compara a dinâmica da casa com a de um banco inglês. Essa personalidade externa, segundo Jung (2013[1971]), pressupõe uma personalidade interna, a qual se comporta complementarmente em relação à primeira. Essa personalidade interna possui as características que faltam à atitude consciente e ela alcança também o âmbito do gênero, uma vez que um homem não é plenamente viril em todas as coisas, mas possui, em geral, alguns traços femininos (JUNG, 2013 [1971], p. 429). A partir desse postulado, pode-se pensar em Mary Poppins como uma representação da *anima* de Banks, parte de sua personalidade interna desconhecida.

Essa imagem feminina, representada aqui por Mary, é uma estrutura complementar à persona, com a qual George Banks parece identificado, e ela vincula o ego à camada mais profunda da psique, visando à adaptação ao mundo interior. Uma vez que Mr. Banks está muito enrijecido em sua disposição consciente, Mary Poppins vem como uma tentativa de equilibrar essa unilateralidade. Ademais, sendo a *anima* uma ponte para a camada mais profunda da psique inconsciente, essa traz consigo uma possibilidade de desenvolvimento interior, através de conteúdos trazidos por ela, os quais o ego sequer conhecia como parte de si, mas que estão vivos dentro da psique e podem ser integrados à consciência. Porém, esse contato com as camadas mais profundas não é uma tarefa fácil, muito menos agradável ao indivíduo, principalmente para alguém como Banks, o qual está muito identificado com o que convencionamos como masculino, líder da família e provedor.

Durante grande parte da trama, Mary Poppins e George Banks não se encontram, porém há uma cena na qual os dois encontram-se, em que já é possível perceber alguma mudança dele em relação à babá. Um dia, Banks chega atrasado em casa, um pouco mais tarde do que o usual - algo que é notado até por seu vizinho - e, assim que entra em casa, é surpreendido por seus filhos, os quais chegam animados para lhe contar sobre o

divertido dia que tiveram com Mary Poppins. Porém Mr. Banks não se mostra interessado pelo que os filhos dizem e pede para que fiquem quietos. Nesse momento, a babá aparece e ele pede para que Jane e Michael voltem para os seus quartos e que Mary acompanhe-o para uma conversa. George começa dizendo que está muito desapontado com ela, mas que não nega que, em parte, permitiu que as crianças aprendessem apenas coisas banais e se esquecessem do resto. Ele fala que está no momento de elas entenderem que a vida é séria e que sem disciplina, há “desordem, caos e falta de autoridade”, além de que os filhos precisam aprender a vencer na vida, a lutar. George também relata que não gosta que Jane e Michael fiquem falando sobre seus “passeios esquisitos”, como pular em um desenho na calçada e tomar chá no teto. Por fim, ele diz que as crianças necessitam de experiências que as ensinem e que as façam amadurecer. Mary Poppins, após ouvir pacientemente o patrão, responde que, segundo o que ele está dizendo, os filhos precisam aprender sobre a vida que o pai leva, aprender também a seguir os passos dele, portanto, os dois o acompanhariam no dia seguinte ao banco, “assim como você sugeriu”, ela disse. Banks mostra-se animado e concorda com o que Mary fala, diz que ela acertou em cheio o que ele estava tentando dizer, mas mostra-se um pouco confuso quando ela fala que a ida ao banco foi sugerida por ele, inclusive, pergunta para sua esposa se foi ele mesmo quem propôs e essa responde que sim. George concorda, por fim, que essa foi uma excelente ideia e seria o remédio que Jane e Michael estavam precisando “contra as ideias femininas que veem todos os dias”. Essa cena mostra que as influências da *anima* já começam a ter certo efeito sobre a consciência de Banks; ele revela-se mais aberto ao conteúdo trazido por Mary, mesmo que haja certa resistência.

Além de Mary Poppins, outro personagem tem significativa importância para o processo de desenvolvimento psíquico de Mr. Banks. Bert é um amigo de longa data de Mary, um sujeito animado e energético. Esse, durante o longa, é mostrado fazendo diversos trabalhos, não fica em uma mesma atividade por muito tempo, sendo adaptável às condições do momento. Bert, com sua extrema empatia, sempre olha para o lado positivo das situações e demonstra, em diversos momentos do filme, que está sempre disposto a escutar e ajudar os outros, sendo também bastante compreensivo e ponderado. Isso pode ser ilustrado por uma cena na qual Bert encontra Jane e Michael, depois de fugirem do pai. As crianças começam dizendo que estão assustadas, pois o pai estava atrás deles e, mesmo não sabendo o que tinham feito, compreendiam que tinha sido algo horrível, já que, pela cara que o pai tinha feito, ele não havia gostado nem um

pouco da atitude dos filhos; Michael até fala que o pai não gosta deles. Bert, no começo, não entende; diz que Banks é uma ótima pessoa e ama seus filhos, bem como que aquilo que as crianças estavam falando não fazia sentido algum.

Bert, então, senta-se com Jane e Michael para conversar e relata que sente pena do pai deles, o qual fica o dia todo preso no banco, cercado de pilhas de dinheiro, como se estivesse preso em uma gaiola - complementa ao expressar que gaiolas possuem os mais diversos tamanhos e formatos. Jane responde que o pai não está em perigo, mas eles estão. Bert volta-se para ela e diz para que pensasse bem, uma vez que eles tinham a mãe, Mary Poppins e ele para cuidar deles, mas Mr. Banks não tinha ninguém que olhasse por ele, que o ajudasse nos momentos difíceis, tendo que trabalhar duro, sem reclamar e sozinho. As crianças, então, perguntam a Bert se ele acha que o pai precisa da ajuda deles, e esse responde que não sabe dizer, mas que acha que um pai sempre precisa de um pouco de ajuda. Nesse momento, o limpador de chaminés Bert mostra empatia por Banks, compreende a posição que esse ocupa, líder e provedor da família, mas também faz que as crianças reflitam sobre o pai não possuir somente uma personalidade rígida e séria, mas também ser uma pessoa que sofre, precisa de apoio e cuidado. Essa atitude de Bert possui certo caráter paterno, de amparo e compreensão, aspectos não percebidos na relação de George Banks com seus filhos, ilustrando um contraste entre as personalidades de um e de outro.

Próximo do final do filme, há uma cena significativa envolvendo Bert e George Banks, sendo esse o único momento em que contracenam. Nessa cena, Bert e seus companheiros limpadores de chaminé cantam e dançam dentro da casa dos Banks, juntamente com Mary Poppins, as crianças, a mãe e as empregadas. George chega do banco e pergunta o que está acontecendo, fica muito confuso. Bert pede, então, para que todos saiam, ficando somente ele e Mr. Banks. O primeiro encontra-se coberto de fuligem e começa a guardar suas coisas e limpar a sala. Nesse momento, o último recebe uma ligação de um dos sócios do banco, pedindo para que ele compareça, sem falta, à uma reunião extremamente séria naquela noite. Banks, cabisbaixo, diz a Bert que tudo isso é culpa de Mary Poppins, uma vez que desde o momento em que ela chegou na casa, tudo vem acontecendo com ele. Fala que, antes, seu lar era calmo, ordenado e exemplar e depois, a babá veio com o caos em sua mala e arruinou tudo; fez com que ele levasse Jane e Michael ao banco, o que causou todo o problema. Bert, então, responde que o que Mary tinha feito era um absurdo, uma vergonha, ainda mais para um homem com tantas coisas importantes para fazer, de alto cargo, estimado pelos

colegas. Continua falando que esse homem não tem tempo para enxugar as lágrimas dos filhos quando choram, muito menos, para os verem sorrindo para ele, pois esse homem sempre sabe o que faz. Nesse momento, George tenta explicar-se, mas o limpador de chaminés responde que ele pode dizer o que quiser, mas que era importante ele se importar mais com as crianças, pois um dia elas vão crescer, seguir seus próprios caminhos e daí, será muito tarde para cuidar. Bert, então, despede-se, pede desculpas pelo incômodo e vai embora.

Essa personalidade mais descontraída, divertida e leve de Bert contrasta significativamente com a de Mr. Banks. Enquanto um tem o trabalho como o mais importante, o outro não tem uma profissão fixa, é mais flexível. Desse modo, pode-se entender o limpador de chaminés como uma personalidade oposta à de Banks, como uma representação de sua sombra. A fuligem, da qual Bert está coberto, ilustra de forma precisa esse caráter sombrio e obscuro do arquétipo. A sombra, segundo Stein (2006), contém características da natureza de uma pessoa que são contrárias aos costumes e valores morais da sociedade, o que é bem ilustrado por Bert, um homem inglês que não dá tanto valor ao trabalho, ao dinheiro, o qual foge aos padrões da época. Por ser um problema de ordem moral, a sombra desafia o indivíduo, o que pode ser demonstrado pela fala de Bert a George Banks, relacionada à sua atenção para com os filhos. Segundo Jung (2013 [1976]), é preciso reconhecer os aspectos sombrios e obscuros à personalidade consciente, sendo esse ato indispensável para qualquer tipo de autoconhecimento. Depois da conversa entre os dois personagens, percebe-se que Banks fica confuso e extremamente perdido, não sabe o que falar nem o que fazer. Esses são efeitos do reconhecimento dos aspectos mais sombrios e opostos da personalidade, experiência perturbadora e árdua.

Ao final do longa, Mr. Banks comparece àquela reunião no banco da qual foi notificado anteriormente, e os sócios, em comum acordo, decidem demiti-lo. Essa demissão é feita de forma humilhante, Banks tem seu chapéu furado, seu guarda-chuva quebrado e sua flor, a qual usava no paletó, despedaçada. O chefe do banco, então, pergunta se George teria algo a dizer e esse responde que quando não se tem nada a dizer, a única coisa que pode se falar é “*Supercalifragilisticexpialidocious*”. Nesse momento, Banks começa a gargalhar e repetir a palavra diversas vezes; fala que Mary Poppins estava certa, pois quando a pessoa diz essa palavra, ela sente-se melhor. O personagem confronta os sócios do banco; no momento em que esses afirmam que a palavra que Banks estava falando não existia, ele responde que coisas como eles não

existiam e conta uma piada que Michael contou a ele, sempre dando risada. O dono do banco, por fim, pergunta o que ele iria fazer e Banks responde que somente Mary Poppins saberia. Ao sair do banco, George Banks saltita e cantarola a caminho de casa. Chegando lá, conserta a pipa dos filhos e chama-os para empiná-la.

Nesse final, pode-se perceber, com a mudança inesperada do comportamento de Banks, que houve uma integração tanto de aspectos da *anima* quanto da sombra. Em relação à primeira, George fala que Mary estava certa e que somente ela saberia o caminho que ele iria seguir a partir daquele momento, reconhecendo sua importância e o que essa trazia, aspectos pertencentes a ele, até então desconhecidos. Já em relação à sombra, após reconhecê-la, o personagem se permite comportar-se de maneira diferente e contrária ao que a sociedade entendia como correto e como percebia a si mesmo, de modo a dissolver a identificação com a persona, assim, pode compreender que outras características também fazem parte dele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do filme, George Banks apresenta-se como um homem de negócios, rígido, que não se permite, e nem mesmo a seus filhos, diversão. Pensa que eles têm que ser preparados para a vida adulta. Entende a dinâmica de sua casa e a do banco como sendo a mesma, a qual exige disciplina e ordem. Essa visão de Mr. Banks com relação à sua família faz com que ele não enxergue de forma integral sua esposa, desvalidando a causa pela qual luta, assim como seus filhos, rasgando a carta que escrevem para a seleção da nova babá. A postura enrijecida e polarizada na dimensão da consciência não permite, ao personagem, que entre em contato com conteúdos inconscientes importantes e complementares à sua personalidade consciente.

Quando Mary Poppins chega à casa, não por vontade de Banks, mas de Jane e Michael, inicia-se um significativo movimento, primeiramente percebido na casa, concebida como símbolo da psique, depois, em Mr. Banks. Por se encontrar muito distante desta dimensão inconsciente, a *anima*, e por ser algo que está além de seu desejo intencional, George mostra apenas um estranhamento à babá, não compreendendo como ela havia chegado ali e as mudanças que estava provocando. O contato com a personalidade interna, segundo Jung (2013 [1976]), não é uma tarefa fácil, uma vez que essa representa uma ponte para a camada mais profunda da psique inconsciente, permitindo que haja contato com conteúdos que o ego considerava impossíveis de lhe constituírem. Para um indivíduo como Banks, o qual está muito identificado com sua *persona*, essa tarefa de regulação, de unificação dos opostos da psique, torna-se muito difícil. Porém, essa resistência de George Banks à tentativa de aproximação da *anima* vê-se diminuída no momento em que ele enfrenta a babá, dizendo que o que ela está fazendo e ensinando às crianças é absurdo e contrário aos valores dele. Mary valida o que Banks está dizendo e entende que os filhos precisavam compreender a vida que o pai levava, logo, deviam acompanhá-lo em um dia de trabalho. Mesmo achando que não havia sugerido aquilo, Mr. Banks mostra-se um pouco confuso, mas satisfeito. Percebe-se, então, uma maior influência da *anima* na consciência.

Além da *anima*, a sombra de George Banks, representada por Bert, também influencia e produz mudanças na personalidade daquele. Com características distintas - um muito enrijecido e ligado ao trabalho e outro, mais adaptável às exigências de distintos meios -, um complementa o outro. Bert faz com que Banks entre em contato

com conteúdos inconscientes vivos que também são constituintes dele, uma vez que a psique não se restringe aos conteúdos encontrados na consciência. No único momento em que contracenam, Banks encontra-se cabisbaixo por estar prestes a ser demitido e Bert, com sua empatia e delicadeza, mostra que nem tudo na vida resume-se ao trabalho e que a postura que tem em relação à sua família vai fazer com que Mr. Banks perca os momentos mais importantes, os quais passam rápido, não tendo chance, no futuro, de recuperar o tempo perdido.

A trajetória de George Banks durante o longa, ilustra o que Jung (2011 [1976]) entendia como caminhar rumo ao Si mesmo, representa parte do desenvolvimento da psique. Através de conteúdos trazidos tanto pela *anima* quanto pela sombra, os quais auxiliaram e guiaram Banks durante o processo, foi possível uma unificação de opostos (consciente e inconsciente), por meio do reconhecimento e integração de conteúdos inconscientes. Mesmo sendo árdua a tarefa de perceber essas influências inconscientes, pode-se observar mudança na personalidade de George Banks, o qual passou de um homem racional, enrijecido, polarizado na dimensão da consciência a um pai e marido mais presente, um homem mais carinhoso, alegre e despreocupado, que busca compreender os desejos dos filhos e se permite um pouco de diversão, ilustrado pela cena em que empina pipa com a família no parque. Ademais, Banks consegue continuar com o seu emprego, mesmo não sendo mais aquele homem que colocava o trabalho acima de tudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATAWAKI. **O impacto do extraordinário filme “Mary Poppins”**. Disponível em: <<https://www.catawiki.pt/stories/4473-o-impacto-do-extraordinario-filme-mary-poppins>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

HOPCKE, R. H. **Guia para a obra completa de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos, O. C. VI**. [1971]. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo, O. C. IX/2**. [1976]. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo, O.C. IX/2**. [1976]. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo, O.C. IX/1**. [1976]b. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PENNA, E. M. D. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2013.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma - uma introdução**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VON FRANZ, M L.. **Reflexos da alma – projeção e recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung**. [1988]. 12 ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.